ANO III—N.º 780 PREÇO 5 CENTAVOS Quinta feira, 9 de Junho de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba*-Lisboa • Telefóne 5339 C
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A IGREJA CATÓLICA E A POLÍTICA EUROPEIA

Quando se encara a humanidade na sua evolução no último milénio, constata-se que o cristianismo foi um facto poderoso desta evolução, actuando em dois sentidos opostos, segundo se encara a acção da Igreja Católica, Apostólica e Romana ou a da heresia. Esta, durante todos os tempos, foi sempre protagonista da liberdade; aquela foi sempre um poder de reacção ou, pelo menos, de estabilização, de inibição de todo o movimento progressivo. A igreja foi sempre o sustentáculo do princípio de autoridade, o que não nos deve admirar, visto que a própria base da Igreja é a Autoridade, a autoridade incontestável, à qual deve obediência a multidão dos fieis.

E' verdade que esta base autoritária está em contradição absoluta com as palavras de Jesus: *A ninguém chames teu senhor*. Mas a Igreja abandonou o ensino libertário, igualitário e comunista de Cristo para se enfeudar a César e tornar-se assim, no mundo, o mais poderoso apoio da Autoridade e da desigualdade, que é a sua inelutável conseqüência. Sempre, durante os últimos séculos, a Igreja Católica foi a grande fôrça de conservação social ou, para falar com mais exactidão, da conservação das formas sociais. Por êste motivo, se constatou em tôdas as épocas o apoio prestado à Igreja por indiferentes e até ateus, efeito natural do seu espírito conservador e das suas aspirações reaccionárias. Ultimamente, um deputado francês radical, mais ou menos irreligioso, declarava do alto da tribuna parlamentar a necessidade da aliança com a Igreja, o poderoso pilar da ordem,—subentende-se a ordem capitalista,—baseado sôbre a autoridade e o poder de alguns, a obediência e a exploração do grande número. E isto leva muita gente irreligiosa a afirmar que: a religião é boa para o povo.

Na nossa época, apresenta-se, portanto, o mesmo fenómeno sociológico que se vem constatando durante o percurso dos séculos. A Igreja Católica, Apostólica e Romana está à frente da reacção. E' ela que a guia, que a conduz de consêrto com as outras potências capitalistas, os seus aliados e os seus concorrentes, e sobretudo com os *clans* capitalistas britânicos. Examinemos os acontecimentos, procuremos neles as fôrças motrizes e constatá-lo hemos.

A Polónia e os jesuitas

No Oriente europeu, o *boulevard* da Igreja Católica Romana é a Polónia. A' frente do seu govêrno está um homem que foi socialista, e que se diz sê-lo ainda. O primeiro ministro é um rural. Mas tudo isto é aparência, porque na realidade os verdadeiros chefes são os fidalgos, os grandes proprietários territoriais, que dominam como senhores absolutos os camponeses, com o auxílio dos padres. A política polaca é dirigida pelos jesuitas.

Os jesuítas constituem uma ordem internacional. São em todos os paízes sempre activos, mais ou menos poderosos, segundo os lugares e os tempos. A sua acção exerce-se em todos os sentidos, com processos e meios variáveis segundo as ocasiões e os momentos. A política jesuítica caracteriza-se pela fixidez dos fins a que visa e pela variabilidade dos meios, segundo a oportunidade dos momentos. Coisa curiosa: estas duas características encontram-se igualmente na política britânica, desde há séculos. E esta similitude é um factor de choque destas duas políticas durante os últimos séculos, porque uma e outra visam o mesmo fim económico: a aquisição de riquesas, cada vez maiores, a fim de aumentar incessantemente o seu poderio e obter a hegemonia mundial.

A politica dos jesuitas e a França

A política jesuítica polaca tem o forte apoio da política francesa, porque a maior parte da burocracia do ministério dos Negócios Estrangeiros de França está, consciente ou inconscientemente, nas mãos dos jesuítas. Os ministros não são, na maioria dos casos, mais que simples joguetes desta burocracia, simples porta-vozes. A política externa da França distingue-se sôbretudo por uma verdadeira instabilidade, não só nos meios, o que seria lógico pois estes devem ser condicionados pelas circunstâncias, mas sobretudo nos fins, o que é devido à direcção desta política flutuar entre tendências opostas: clerical, anti-clerical ou, pelo menos, anti-romana. A França, ou, a bem dizer, o govêrno francês, apoia e impele a Polónia, isto é, o govêrno polaco, na sua política reaccionária e imperialista.

O fim principal desta política consiste em constituir uma potência católica nos confins do Centro europeu, assás forte, por um lado, para pôr um dique à revolução, cujo centro parece estar em Moscóvia, e por outro lado, para dominar política e económicamente, ao Norte, as províncias bálticas, ao Sul a Hungria e a região balcânica. Um dos fins dêste objectivo visado pela política jesuítica foi e é o apoio que a França governamental dá ao govêrno húngaro, tam reaccionário.

Constata-se, portanto, que o govêrno republicano francês é, por tôda a parte onde pode, um sólido apoio das tendências monarquistas.

O antagonismo das politicas jesuitica e britânica

Ao lado dêste ojectivo principal, há um outro, de igual importância no plano económico: é a posse da via Mar Báltico-Golfo Pérsico, caminho êste que, no passado longíquo, foi a via transitória das riquesas asiáticas, e que deve sê-lo novamente agora, por meio dos caminhos de ferro e dos aeroplanos. Em Agosto de 1920, no *Futuro*, ao estudar o conflito polaco-russo, escrevi: «A posse das estradas comerciais é o fim que sempre tiveram em vistas os vários capitalismos. O alemão pretendia a de Hamburgo-Bagdad. O britânico a de Mar Báltico-Golfo Pérsico e tem-se esforçado na realização do seu desejo procurando dissociar a Rússia, enfeudando-se os pequenos Estados alogénios, que se teem formado nestas regiões da Europa e da Asia. A Companhia de Jesus e o capitalismo britânico visam o mesmo objectivo. Estão portanto em conflito de interêsses. Por isso a política britânica se tem mostrado hostil à política dos proprietários da Polónia...» A política britânica é dirigida no interêsse dos comerciantes e dos industriais britânicos. Necessita ter em seu poder as vias que atravessam dum lado ao outro o seu império asiático, e outrossim as dos mercados asiáticos onde podem vender e comprar.

A política jesuítica, cujo objectivo é idêntico, ergue-se como um temível concorrente. Tem então lugar o choque, com uma fôrça capaz de abalar o mundo.

E assim se explica a violência do discurso de Lloyd George na Câmara dos Comuns, sôbre a Polónia e a Alta Silésia. O que há dez meses escrevi, os factos vieram precisar e confirmar. A questão da Alta Silésia foi a gota de água que fez entornar o vaso.

Maio, 1921.

Augusto Hamon

A GREVE DA CARRIS

Mantém-se a solidariedade dos grevistas

parecendo que a Companhia dispõe-se a aceitar a solução da Câmara

Ainda não está solucionada a greve dos eléctricos. O pessoal da Carris continua reünido em sessão permanente no seus indicato, a Santos-o-Novo, onde vários oradores freqüentemente fazem uso da palavra para invocar a união de todos os grevistas.

António da Silva propôs à assemblea o alvitre sôbre a forma, no seu entender, mais viavel de solucionar a questão: nomear-se uma comissão que durante um ano examinaria tôdas as receitas e despesas da companhia. Essa comissão poderia ser composta pelos srs. Alberto Tota, Braga de Carvalho pela câmara (maioria) e o vereador socialista Petronila pela minoria, Inocêncio Camacho, pelo govêrno, e Armando Martins, pelo pessoal.

Passado êsse tempo, os delegados apresentariam respectivamente os seus relatórios à Câmara, ao govêrno e à C. G. T., verificando-se então se era ou não necessário aumentar as tarifas, já assim, o público ficaria sabendo que se tinha que pagar mais era porque realmente era preciso, para não ter que andar a pé.

Disse também que se a Câmara concedesse à companhia a devida licença para fazer o fornecimento de luz já isso seria uma receita importante em que a Câmara muito economizava porque as propostas feitas pela Companhia Carris são mais vantajosas do que as feitas pela do Gaz e Electricidade.

A direcção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa enviou um ofício à Câmara pedindo uma cópia exacta da proposta do vereador José dos Santos, que declara ter lido nos jornais, e que havia sido apresentada em sessão e aprovada, como resolução à questão «Carris», a fim de a estudarem com urgência, visto os prejuízos que à cidade e à Companhia estava ocasionando a greve.

Quando o referido ofício chegou à Câmara já à companhia deveria ter chegado também a comunicação da resolução tomada pela Câmara e consequentemente a cópia da proposta José dos Santos.

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne hoje pelas 21 horas, com a comparência de todos os delegados, a fim de prosseguir nos trabalhos da última reünião.

CONFERENCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se na sede, a Campo de Ourique, a 12.ª conferência do dr. sr. Faria de Vasconcelos, da série sôbre *Educação das Famílias*.

A ponte sôbre o Tejo

virá a ser uma realidade?

Os engenheiros civis srs. Afonso Pena, Boeuf e Henrique Pinto Bravo apresentaram ontem ao ministro do comércio o requerimento e projecto para a construção da ponte sôbre o Tejo, entre Santos e Almada. A ponte será em cimento armado, construida pelos mais recentes processos. A construção, feita por conta dos concessionários levará, o máximo, 6 anos e a concessão será feita pelo espaço de 99 anos.

O abastecimento de água a Lisboa

Na próxima estiagem voltaremos a lutar com a sua falta

O administrador delegado e o comissário do govêrno junto da Companhia das Aguas, expuseram ao ministro do comércio o perigo de na próxima estiagem vir a faltar a água em Lisboa, visto não terem sido realizados os trabalhos que se tornara necessário levar a efeito para garantir o abastecimento de água na capital. Pediram que logo que abra o Parlamento o ministro trate ali do assunto, a fim da Companhia ser habilitada a efectivar êsses trabalhos. O dr. sr. António Granjo prometeu tratar do assunto.

NA VÊSPERA DE UM CONGRESSO

INAUGURA-SE AMANHÃ O PARLAMENTO COOPERATIVISTA

O presidente da comissão organizadora, dr. sr. Reis Santos, descreve a um redactor de A BATALHA a obra de regenaração nacional que pretende que o cooperativismo realize entre nós

Anunciando a inauguração àmanhã, pelas 13 horas, na Sociedade de Geografia, do 1.º Congresso Nacional Cooperativista, apareceram fixados nos logares públicos uns vistosos cartazes propagandistas, à americana, que se destinam a chamar a atenção do público, despertando-lhe o interêssse pelos trabalhos dessa reünião magna dos delegados das cooperativas de Lisboa e da província. A nós, pelo menos, conseguiram—confessamos—êsses cartazes, que reproduzimos como registo duma inovação entre nós, despertar a tal ponto o interêsse e conquistar a nossa simpatia que dirigimos, resolutamente, os nossos passos para a sede da Federação Nacional das Cooperativas, promotora do Congresso, no intuíto de, sujeitando os seus organizadores ao torniquete do nosso inquérito intencionalmente formulado, sabermos se os dizeres dêsses cartazes correspondiam de facto a intenções honestas ou se encobriam apenas o intuito de especular com a ingenuidade e boa fé das massas populares.

Numa ampla e clara sala do último pavimento da Cooperativa Militar, onde a Federação Nacional das Cooperativas tem o seu *bureau*, fomos encontrar, desenvolvendo a sua actividade peculiar, o dr. sr. Reis Santos que, como presidente da comissão organizadora do congresso, era, sem dúvida, a pessoa mais autorizada e competente para nos elucidar amplamente. Autoridade, pelo cargo oficial que ocupa dentro do movimento cooperativista português, e competência que resulta da sua consagração, há uns bons trinta anos a esta parte, ao estudo do cooperativismo cujo movimento no estrangeiro acompanha passo a passo.

O cooperativismo, para poder viver, tem que fazer uma reviravolta na vida portuguesa

O dr. sr. Reis Santos, com a facilidade com que se aborda um assunto que nos é familiar e que nos apaixona, fala-nos das condições em que o espírito cooperativista apareceu lá fora, dos resultados maravilhosos—segundo o seu juízo—que tem produzido, da importância da sua aplicação entre nós e da necessidade duma reünião, em Congresso, das vítimas indefesas, donde resulte uma reacção contra a oligarquia de assambarcadores que nos tem levado às especialíssimas condições em que o país se encontra por falta de reacção dessas próprias vítimas, e donde saia um movimento nacional que acorde e organize as vítimas dessa engrenagem oligárquica parasitária que domina e dirige tôda a sociedade portuguesa, fazendo com que elas transformem o Estado de órgão das oligarguias, que é hoje, em órgão dos interêsses da nação, que deve ser.

—E que resultados práticos almeja a comissão organizadora que saia dêsse Congresso?—preguntámos.

—A possibilidade duma reviravolta na vida portuguesa—respondeu-nos secamente o dr. Reis Santos. E como compreendesse o nosso espanto pela não apreensão imediata da sua resposta, o sr. Reis Santos expõe-nos claramente o seu pensamento. Ele pretende com o cooperativismo fomentando um sentimento geral de protesto entre tôdas as vítimas da oligarquia de assambarcadores que nos domina, criar fora e acima de qualquer política partidária e de qualquer confissão religiosa, um forte, complexo e consciente fermento com a vitalidade própria para determinar na sociedade portuguesa uma conversão emancipadora, económica, moral e nacional sem o que uma catástrofe tremenda será inevitável. Essa reviravolta da vida portuguesa é mesmo indispensável que se dê para que o cooperativismo possa *pegar* em Portugal, porquanto nas condições actuais da sociedade portuguesa o cooperativismo não pode *pegar*. Daí a necessidade de o cooperativismo fazer essa reviravolta para que tenha condições de vida.

Mas é melhor ouvirmos o próprio dr. Reis Santos:

O meio português é um meio essencialmente oligárquico e parasitario

—Só o cooperativismo pode, não digo resolver, mas atenuar a nossa situação económica. Mas para que ele possa *pegar* entre nós, para que ele entre nós se implante, é precizo que êle modifique a actual sociedade portuguesa, pois nas circunstâncias actuais da sociedade portuguesa êle não *pega*, êle forçosamente degenera. De sorte que ou o fermento cooperativista tem condições de vitalidade que lhe permitam modificar o meio—e então vive, prospera e vence,—ou não modifica o meio—e então abate, degenera e morre.

«Como porem, o cooperativismo satisfaz a uma necessidade geral e tem já a guiá-lo uma orientação consciente e superior, eu estou certo que êle iniciará um movimento nacional capaz de determinar na sociedade portuguêsa a conversão salvadora desviendo-a da catástrofe tremendo e vergonhosa iminente.

«Quer saber—prosegue o dr. Reis Santos—porque o cooperativismo não tem prosperado entre nós? E' que o meio português é um meio essencialmente oligárquico e parasitário, e o cooperativismo, além das suas vantagens económicas, é um exemplo de solidariedade moral. Ora a sociedade portuguesa é absolutamente hostil a qualquer coisa que careça de solidariedade moral. Em Portugal só existe solidariedade de parasita para o parasitado. E o sistema oligárquico parasitário é de tal maneira perfeito, que a própria parasitária educação nacional ministrada por professores parasitas tem por fim educar de modo a permitir ao parasita tirar o maior proveito do parasitado.

A engrenagem da oligarquia em Portugal assenta a «teoria do pretexto»

«O ensino oficial tem por fim educar e ensinar de maneira que o ensinado não possa compreender a engrenagem dessa oligarquia ou regime de assambarcamento em que o Estado é o assambarcador-mór. Esse sistema assenta numa especial e curiosa teoria a que eu chamarei *teoria do pretexto*. Entre nós arranja-se sempre um pretexto para reciarem essas oligarquias. O funcionalismo existe para servir o público. Em Portugal dá-se o caso de o público em vez de ser o patrão do funcionalismo, é êle que anda às ordens dêste.

«O público é o pretexto para se criar a legião parasitária do funcionalismo. Do mesmo modo, a criança e a escola são o pretexto para se criar a legião parasitária do professorado. Adquirem-se quatro calhambeques para servirem de pretexto à nomeação de uma trintena de almirantes. etc., etc. Tudo serve de pretexto, arranja-se mesmo o *pretexto* sempre, para se arranjarem oligarquias parasitárias.

E' com o próprio dinheiro das suas vítimas, depositado na Caixa Económica do Estado, que os assambarcadores fazem o seu jôgo contra os consumidores

«Para que o cooperativismo possa empreender essa obra de remodelação futura, os seus lucros, deduzidas as percentagens para fundos de reserva e fundos colectivos, serão consagrados à propaganda e criação de escolas típicas a contrapor às escolas oficiais.

«Quanto à organização das cooperativas é ela feita dentro dos mesmos moldes da organização das grandes companhias ou sociedades capitalistas que conseguiram ter hoje tudo monopolizado, centralizando e criando sucursais com o que conseguem ser elas que marcam os preços.

«Para as podermos imitar necessitamos grandes disponibilidades, e daí o desejarmos que as cooperativas de consumo sejam também de crédito a fim de desviar dos bancos e das caixas económicas do Estado o dinheiro das vítimas dos assambarcadores, pois é precisamente com êsse dinheiro depositado na Caixa Económica do Estado que os assambarcadores fazem o seu jôgo contra nós. A organização da Caixa Económica da Federação juntamente com as das Cooperativas constituirá o *grande organismo de Crédito Cooperativista* destinado a impulsionar o cooperativismo.

«Calculamos em 15.000 contos os depósitos em dinheiro das cooperativas do país. Com êsse numerário poderíamos já comprar em grosso no estrangeiro. Lembre-se que o armazem por grosso das cooperativas inglesas é o primeiro estabelecimento mercantil da Inglaterra.»

E concluindo a nossa conversação, o dr. sr. Reis Santos forneceu-nos os seguintes dados relativos à Federação Nacional das Cooperativas. Tendo sido criada com catorze cooperativas apenas, tem hoje já federadas 165, com uma população de noventa e tantos mil associados. Multiplicando êsse número por três ou quatro pessoas de família por cada associado, calcule-se o número respeitável de pessoas interessadas já na vida cooperativista em Portugal.

Um convite, um receio e uma dúvida

E ao despedirmo-nos, o dr. Reis Santos, enaltecendo a importância do Parlamento Cooperativista que àmanhã se inaugura, onde os interêsses dos consumidores, que somos nós todos, serão imparcialmente debatidos, teve esta frase intencionalmente subcritada para nós:

—E os senhores, os sindicalistas, que combatem o capitalismo, teem também tôda a conveniência em cooperar nos nossos trabalhos para conhecerem o vosso inimigo por dentro.»

Saimos. E saimos sinceramente crentes nas boas e honestas intenções do dr. sr. Reis Santos.

Um receio, porém, esfriou o entusiasmo com que o ouviramos—o receio de que, no movimento cooperativista, se não encontrem o número de Reis Santos necessário para levar a obra até final com os mesmos propósitos leais e honestos. Depois...

Depois não se poderá dar o caso, dada a educação nossa, de, uma vez a organização cooperativista num estado de prosperidade relativa, com a burocracia numerosa que o seu desenvolvimento terá de exigir, não se poderá dar o caso de vir a enfermar dos mesmos vícios e dos mesmos defeitos de todo o organismo *oligárquico-parasitário* da sociedade presente?

COMO VIVE?! ROUBA?!

Se não rouba e é honesto como consegue fazer face à carestia da vida?

Porque consente que os assambarcadores o explorem?

Porque não se liberta dêsse jugo vergonhoso, e não defende os seus direitos e interêsses?

Reaja contra êsse indiferentismo, colaborando no **Congresso Cooperativista** que se realiza nos dias 10, 11 e 12 de Junho na *Sociedade de Geografia*.

Contra os assambarcadores

Quere libertar-se deles e fazer baratear a vida?

Una-se aos consumidores explorados, ajude a Federação das Cooperativas.

Colabore no **Congresso Cooperativista**, que se realiza em 10, 11 e 12 de Junho.

Vá inscrever-se à *Sociedade de Geografia*.

SÓ PARA MULHERES

Os homens apenas dão o dinheiro, mas as mulheres é que governam a casa, mas como tudo está cada vez mais caro, elas é que sentem bem as dificuldades da vida.

¿QUEREM RESOLVER ESSAS DIFICULDADES?

Convençam os seus a juntarem-se com os outros consumidores em **Cooperativas.** Façam-nos inscrever, e inscrevam-se, no **Congresso Cooperativista**, que se realiza nos dias 10, 11 e 12 de Junho na *Sociedade de Geografia*.

Um lance cinematográfico

Um advogada mata, em defesa, o marido divorciado de sua mulher

PARIS, 8—Pouco depois das dez horas da noite, o telefone da esquadra da polícia do elegante bairro do parque Moncean fez uma chamada e uma voz tranquila e serena pediu para falar ao inspector de serviço. Tendo êste chegado ao telefone a pessoa que tinha feito a chamada disse: «Sou o advogado Jean Sture do tribunal da Relação. Acabo de matar um homem em minha casa, no n.º 64 da rua de Courceles, e pedia-lhe o favor de vir aqui cumprir as disposições legais que o caso requer.»

Quando a polícia chegou à casa citada encontrou o sr. Sturel sentado num sofá com a sua esposa e no hall estava caído o corpo de um homem morto. O marido e a mulher relataram o acontecido. O morto era Marcel Hure, marido divorciado de madame Sturel. Ela tinha-se divorciado há três anos e um ano mais tarde tinha casado com Sturel. Segundo as suas declarações Hure enviava constantes cartas ameaçadoras aos dois esposos e recentemente o sr. Sturel tinha feito uma deposição contra êle por o ter ameaçado de que o assassinaria. Quando os dois esposos estavam em casa conversando sósinhos, depois de jantar, Hure bateu à porta. Tinha-se feito conduzir à habitação num taximetro segundo relata o chauffeur. Quando se apeou bebeu abundantemente de uma garrafa. Foi o sr. Sturel quem veio abrir a porta e imediatamente Hure lançou-se sôbre êle e o sr. Sturel, para se defender do tresloucado, puxou de um revolver e fez fogo, ferindo Hure ligeiramente na cabeça. Este redobrou de colera agredindo violentamente o sr. Sturel com a bengala. Neste momento madame Sturel saiu da casa de jantar e tendo ouvido o ruido da luta e a detonação e tendo visto que o agressor era o seu primeiro marido, armou-se com um velho revolver e, no momento em que Hure agredia violentamente o seu marido, a quem o revolver tinha escapado da mão, fez fogo três vezes matando instantaneamente o homem que tinha sido seu marido. Depois dominada pela emoção, desmaiou. O primeiro acto do sr. Sturel foi cuidar de sua esposa e apenas ela voltou a si telefonou para a polícia. O marido e a mulher foram deixados em liberdade.—*Rádio*.

A BATALHA encontra-se à venda em **Paris** na Rua Abbeville.

AS GREVES

Fundidores da fábrica Street

Estes camaradas, que já vão na sua segunda semana de greve, manteem-se coerentes com as suas reclamações e só retomarão o trabalho quando a respectiva firma industrial se resolva a melhorar-lhes a sua situação de salários.

Encontrando-se em sessão permanente, a qualquer hora a respectiva comissão atende quaisquer pedidos de listas de quetes em seu auxílio, para as oficinas onde as mesmas listas ainda não chegaram, por lapso ou por não se conhecer a sua existência.

A solidariedade de tôda a classe metalúrgica para com os grevistas deve ser um facto, por motivo não só da justiça que aos mesmos assistia, como também para evitar que aqueles camaradas se rendam sem condições.

Pró-Presos por Questões Sociais

Comissão Central

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão para tratar de assuntos de alta importância.

Pede-se a comparência de todos os delegados.

1.º de Maio em Bissau (Guiné)

No dia 1.º de Maio realizou-se em Bissau (Guiné) uma imponente manifestação proletária, a qual percorreu as ruas da cidade, terminando com uma sessão de propaganda onde falaram diversos oradores.

No fim foi aberta uma quete em auxílio de *A Batalha* e da Casa dos Trabalhadores, que rendeu 115$00

Indústria da pesca

Os fabricantes e armadores do Algarve voltam a protestar contra os cercos espanhois

Os fabricantes de conservas e armadores dos cercos de pesca do Algarve, enviaram ao sr. presidente do ministério um telegrama comunicando que os barcos de pesca espanhois continuam a pescar nas nossas costas, sendo detidos alguns mas logo em seguida postos em liberdade depois de pagarem a competente multa, o que não sucede com os nossos cercos, que ficam detidos por largos dias quando são encontrados a pescar dentro de qualquer zona que lhes está defesa, o que é deprimente e injusto para os cercos portugueses. Pedem justiça imediata em face de um tratamento tam desigual, pois que a indústria de conservas se encontra completamente parada por falta de sardinha, visto os cêrcos não a poderem pescar, o que de dia para dia agrava mais a situação dos trabalhadores que se acham sem recursos.

As indemnizações alemãs

O que reclama a marinha mercante nacional

Em harmonia com as resoluções da comissão executiva da conferência da Paz, sobre matérias que a Alemanha terá de entregar a Portugal o Conselho de Administração da Marinha Mercante Nacional pediu uma doca flutuante para pegar em navios de 18 mil toneladas, um rebocador de 1.200 toneladas com material para extinção de incêndios, dois rebocadores pequenos, dois batelões de 600 toneladas, cada um, quatro de 300 toneladas e um carregador mecânico de carvão

O empréstimo a Portugal

Segundo *O Século* da noite noticiava, foi anteontem assinado, em Paris, o empréstimo português de 50 milhões de «dollars»

CLASSES GRAFICAS

Persiste a intransigência dos industriais

mas, enquanto a «Patronal» pretende fechar mais casas, abrem outras

Apesar da boa vontade dos grevistas em solucionar um conflito que a ambas as partes está prejudscando, os industriais manteem-se intransigentes e nem se quer se dispõem a tratar com o seu pessoal, alijando para a Confederação Patronal a responsabilidade do que se está passando. Conforme o resolvido na anterior assemblea, por indicação do comité e por intermédio da comissão de *dèmarches*, foi presente à mesma assemblea um documento que os reclamantes aprovaram, mostrando assim uma decidida vontade de terminar com o conflito. Em harmonia com essa resolução, uma comissão entrevistou os industriais em casa de quem havia sido declarada a greve. Quem mostra pois ter desejos de paz, operários ou patrões?

Sem dúvida que os primeiros mas, em resposta a êsse desejo, responderam os industriais com a mais formal recusa de negociar, esperando o resultado não sabemos de quê! Alegam os industriais que tomaram um compromisso e que não podem faltar a êle...

Que fazer então?! Esperar que os operários, esgotados os últimos centavos dos objectos empenhados, entrem nas oficinas, como rebanho de carneiros num matadouro? Mas porque não consentir que os operários retomem o trabalho, discutindo as suas reclamações?

Positivamente há o propósito de os esmagar, aproveitando a sua derrota como exemplo em futuros movimentos de outras classes, mas esperamos que tal se não dê. A grande massa trabalhadora, que ora tem os olhos postos nos tipógrafos em luta, tal não consentirá, pois isso representaria a sua própria derrota.

Após várias *démarches*... ameaçadoras, conseguiram fechar mais uma oficina, ao mesmo tempo que outras se preparam para abrir as portas, furando assim o já tam furado *lock-out*.

A comprovar a intenção dos industriais em fazer render os operários pela fome, reproduzimos as palavras dum industrial da baixa, o sr. Sousa, da firma Sousa & Gonçalves:

«Dentro de oito dias, devem os operários render-se, porque a vida não é de molde a poderem agüentar-se mais tempo. A fome a isso os obrigará».

Nota oficiosa do Comité

A mais uma demonstração de boa vontade em resolver um conflito que só rebentou por culpa dos industriais, responderam estes com a mais formal recusa de entrar em negociações. Está bem patente o fim que tem em vista a famosa Patronal, ao conduzir por tal forma uma questão que já podia estar solucionada. Fechou ontem mais uma oficina, da qual era sócio o impressor tipográfico, Matos Machado, antigo elemento preponderante da sua associação de classe, e ultimamente *grande sucialista*.

Novamente êste comité mostrou a boa vontade de que se chegasse a um acôrdo, mas perante a intransigência dos industriais, mais uma tentativa falhou. Que desejam os patrões? Evidentemente esmagar os operários.

Sabemos muito bem quais os industriais que mais se teem salientado, como a seu tempo provaremos.

Queremos a paz, mas, visto a recusarem, que a responsabilidade vá a quem pertence.

A reünião de hoje, à hora do costume, é no local 5.—*O Comité*.

Convida-se o camarada Alberto Constantino, a comparecer na oficina sindical, hoje, pelas 18 horas, para assunto de seu interêsse.

As obras a taipal

Na reünião que ontem efectuou a Comissão Profissional dos Pedreiros foi novamente debatida a questão das obras a taipal, que prejudicam não só os porfissionais da industria como também as construções que não ficam em condições de segurança.

A comissão nomeada para tratar do assunto, tem cumprido com a sua missão, conseguindo já que 29 obras deixem de construir-se a taipal, como muitos mestres desejam.

Nas colónias há falta de pessoal

Foi dada ordem a todos os governadores das nossas colónias onde haja falte de pessoal, para ser aproveitado o pessoal reformado, atendendo à falta de pessoas idóneas para o desempenho dos cargos, devendo fazer-se a sua substituição logo que seja possível.

158

OS BAIRROS SOCIAIS

Urge liberta-los do jôgo da política

A falta de materiais e a sua péssima administração

Esta bela iniciativa tem e terá de levantar celeuma, enquanto estiver sujeita ao jôgo da política.

Dispam os bairros da roupa suja, do enfeudamento a A, B ou C, que, jogando segundo as conveniências partidárias, se servem dos mesmos bairros para guindar afilhados e apaniguados.

Afinal, os govêrnos sucedem-se, as verbas esgotam-se e os bairros continuam na mesma, como a lesma...

E tudo isto porquê? A maldita política, ou a vontade oculta de demorar os trabalhos, tornando-os dispendiosos, fazendo jús à pretendida entrega a determinada empresa. Sim, aqui auda mão de gigante! Observa-se, constata-se...

Não queremos acusar quem quer que seja, mas o que expomos servirá, pelo menos, para demonstrar que, quais sentinelas vigilantes, estamos de atalaia observando quanto se passa.

A falta de materias é escandalosa conforme já referimos, pois sendo os pedreiros cêrca de 300, a pedra para ali ida diáriamente, mal chegaria para 40 dêsses operários fazerem trabalho!

A administração é péssima mas não se pense que é só de hoje. E, como nas Obras Públicas, os operários são acusados de mandriões! De quem é a culpa? Será a tal mão de gigante que pretende à fôrça tomar conta dos Bairros? Talvez seja, e, senão, vejamos.

Há, algum tempo que se pretende substituir as cantarias por cimento armado, isto sendo Portugal terra da pedra, com cantarias e mármores em abundância tal que algumas centenas de contos anuaes rende a sua exportação, sem que nenhuma falta nos faça, podendo-se até desenvolver essa exportação, sem perigo de esgotar-se a matéria prima.

Pois, como íamos dizendo, tem-se feito e pretende-se fazer, em mais larga escala, a substituição da cantaria por cimento armado, drenando para fora do país ouro para a compra do ferro e cimento que, para tal, só do estrangeiro veem, tornando assim o trabalho mais caro.

O cimento sai mais caro do que as cantarias. Podemos prová-lo sem receio de contestação e qualquer criatura ainda que sem grandes conhecimentos de construção civil, o sabe perfeitamente.

Existem dezenas de portais e janelas que há largos meses esperam por vergas, peitoris, etc.

Por falta de pedra? Não. Por falta de operários? Também não. Por falta de verba? Duvidamos. Ainda há pouco tempo publicaram os jornais um anúncio dos Bairros Sociais, sôbre concursos para o fornecimento de algumas centenas de barricas de cimento e algumas toneladas de ferro para o tal cimento armado. Portanto, se há dinheiro para cimento e ferro, também não deve faltar para a cantaria.

E a indústria nacional? E a questão profissional? Os bairros sociais deviam ser construídos com materiais nacionais, por coerência, visto a miúde se afirmar nós nos bastarmos, em algumas indústrias. E assim se atenderia a questão profissional, pois que os canteiros estão atravessando uma crise deveras grave, apesar de ainda no início. Vê-se, portanto, que se pretende *servir alguém*, não olhando a prejuízos, sofra quem sofrer...

Sofre o Estado, que gasta perdulàriamente nos bairros, e sofrerão os operários, que serão despedidos, por lá não serem precisos, visto que, a levar-se por diante a idea do cimento armado, qualquer criatura sem conhecimentos técnicos poderá substituir os profissionais, fazendo edifícios... à laia de caixotes.

Esforçam-se por demonstrar que os trabalhos pelo sistema usual saem caros, aparecendo em certa altura os apologistas do cimento armado, o tal *dedo de gigante*, tomando conta do trabalho pela verba de *x*, inferior ou igual ao custo das obras forçadamente caras, para fazer o tal jôgo.

Gostaríamos ser esclarecidos dos motivos porque, tendo o Conselho Técnico da Federação da Construção Civil em tempo feito proposta para o concurso de fornecimento de cantarias, por cêrca de 107 contos, tal proposta não foi aceite.

Por brigar com outra a seguir mais cara cêrca de 40 contos, de alguém que pretendiam servir, é que se anulou tal concurso?

Muito há a desliar neste rosário de amarguras, mas vamos devagar.

Nós sabemos muito bem quem deve estar arrependido de não seguir as indicações dadas pela F. N. da C. Civil. Pretendeu armar à popularidade? Pretendeu servir tartufos que o teem prejudicado? Isto é que deve estar certo...

Fizesse-se o que alvitrámos, que os Bairros Sociais estariam em bôa mão, livres dos *videirinhos*, sem se ofuscar o nome de quem os iniciava. Pelo contrário. Uma caterva de sanguessugas esfomeadas deitou-se àquele corpo ainda débil, sugando-o por todos os lados.

O desastre ferro-viário

O chefe do Estado visitou ontem os feridos

A's 15 e meia chegou ao hospital de S. José, acompanhado do seu secretário, o sr. presidente da República, que se dirigiu imediatamente para a secretaria do referido estabelecimento, onde era aguardado pelo ministro do trabalho, director geral dos hospitais dr. sr. Hermano de Medeiros, secretário da direcção sr. Arnaldo Farinha e grande número de funcionários superiores do mesmo estabelecimento.

Depois de descansar alguns minutos no gabinete da Direcção Geral, dirigiu-se para a enfermaria de S. Francisco, em que estão hospitalizados os feridos José Maria Diniz, mordomo da Associação da Agricultura, que se encontra na cama n.º 73, e Guilherme Aparício, carpinteiro, na cama n.º 90.

Passou depois à enfermaria Lourenço da Luz, onde se encontram Epifânia da Silveira, na cama n.º 2, e Aurora da Costa, na n.º 34.

Descansando de novo no gabinete do dr. sr. João Pais, na enfermaria de S. Francisco, onde aquele clínico lhe esteve mostrando varias fotografias e radiografias de fracturas e transplantações ósseas, trabalhos estes feitos na referida enfermaria, encaminhou-se em seguida para a enfermaria de Santo António, onde visitou os feridos que se encontravam nas camas 2, 4, 5, 15, 22 e 29, respectivamente Joaquim de Sousa Assis Fortuna, Agostinho Lhach, Augusto António da Cunha, Alexandre José, António Miguel e José Eugénio, dirigindo-se, por fim, para a enfermaria de Santa Joana, visitando aí Maria Ferreira da Silva, que se encontra na cama n.º 8.

O sr. presidente da República, como é da praxe, dirigiu aos feridos palavras de confôrto, retirando após ter visitado a enfermaria Dr. Sousa Martins, em que há 25 anos—recordou—tinha assistido a uma lição dada pelo eminente professor.

O estado dos feridos

Da sala de observações do banco do hospital de S. José foi ontem removida para a enfermaria Lourenço da Luz a sr.ª D. Epifânia da Silveira, professora e empregada da casa Seixas, uma das vítimas do desastre. O seu estado não é, felizmente, de gravidade, visto que não tem, como a princípio se supôs, fractura de crânio com saída da massa encefálica, mas sim uma ferida contusa na cabeça e contusões pelo corpo.

Os restantes feridos hospitalizados, que são em número de 10, continuam no mesmo estado.

— Sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Alfeu da Cruz, servindo de peritos os drs. srs. Asdrubal d'Aguiar e Ferreira Marques, efectua-se hoje na morgue a autópsia de Aurora de Oliveira, de 45 anos, residente na rua da Barroca, 18, 3.º, vítima do mesmo desastre.

DESPORTOS

O encontro de hoje entre o «Sevilha» e o «Sporting»

Realiza-se hoje, pelas 18 horas, como temos noticiado, no Campo Grande, o primeiro encontro internacional entre o 1.º *team* do «Sevilha Foot-Ball Club» e o «Sporting Club de Portugal».

Do valor e interêsse do *match* é desnecessário falar, devendo realizar uma das melhores tardes de «associação».

Os poveiros

Se possuem todo o material necessário para o exercício da indústria da pesca, podem ir para Moçambique

O alto comissário de Moçambique pergunta se os poveiros possuem todo o material necessário para o exercício da indústria da pesca, inclusivè uma ou duas traineiras e canôas da picada, embarcações essas que podem ser transportadas nos paquetes. No caso afirmativo, podem embarcar para ali os pescadores, que serão estabelecidos na Inhaca, onde mandará fazer alojamentos de construção própria, e alimentados à custa da colónia durante 3 meses, depois de começarem a exploração da pesca, que aquela autoridade se propõe auxiliar sempre.

Não levando embarcações, é impossível serem ali aproveitados, pois não só se não encontram à venda, como não há facilidade em as construir.

O sr. ministro das colónias vai oficiar para a Póvoa do Varzim, comunicando o conteúdo dêste telegrama, pedindo resposta para depois a transmitir ao alto comissário.

Ferro-viários do Minho e Douro

A comissão delegada volta a tratar dos seus interêsses

A comissão delegada dos ferro-viários do Minho e Douro conferenciou novamente com o chefe de gabinete do ministro do comércio acêrca dos interêsses da classe de que vem tratado.

Com referência ao licenceamento do pessoal trabalhador, dizem-nos da Arcada parecer que o ministro nada poderá fazer, visto o assunto ser da competência das respectivas direcções.

Com referência às promoções, será em breve publicada a lista de antiguidade do pessoal.

VIDA POLITICA

Centro Socialista «Avante».—A assemblea geral extraordinária tratou da fusão da comissão paroquial com o centro e dos trabalhos eleitorais a encetar, resolvendo promover em breve uma conferência, para a qual serão convidados Augusto Dias da Silva, dr. Ramada Curto e Alfredo Franco.

NO TRIBUNAL DO C. E. P.

A condenação duma praça que é em seguida amnistiada

Reüniu ontem no Largo da Trindade o tribunal militar do C. E. P., sob a presidência do coronel sr. Eugénio Carlos Mardel Ferreira, servindo de defensor oficioso o tenente-coronel sr. Osório de Castro, e de promotor o capitão sr. Olímpio de Melo.

A sentença condenou disciplinarmente o réu, José Maria Rodrigues Azenha, soldado de infantaria 28, acusado de deserção, mas, tendo sido amnistiado, foi posto em liberdade.

ESTORIL

Estabelecimento termal

Tratamento das doencas do aparelho gastro-intestinal, do reumatismo, da gôta, da sciática, das doenças uterinas e dos ovários, doenças da pele, etc. Banhos de água mineral, salgada e potável.

Fisioterápia — Lamas-rádio-activas—etc. Manucure, pedicure, cabeleireira e barbeiro

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

José Duarte Linfa

Faleceu no ho hospital de S. José o nosso camarada José Duarte Linfa, cujo funeral se realiza hoje, pelas 14 horas, saindo o préstito da morgue e nele se incorporado do com a respectiva bandeira, a Secção Profissional de Serradores, que convida todos os seus componentes a associar-se a esta derradeira homenagem.

António Alberto Monteiro

Depois de longo sofrimento, faleceu ontem no hospital de S. José o camarada António Alberto Monteiro, estucador.

O seu funeral realiza-se àmanhã, da sua morada, travessa de S. Bernardino, B. P., 4.º, pelas 14 horas, fazendo a secção Profissional dos Estucadores convite a todos os camaradas para o acompanhar.

FUNERAIS

Manuel de Oliveira Pombo

O funeral dêste antigo elemento do Partido Socialista saiu ontem, às 16 horas, da sede do Centro Socialista de Lisboa, para o cemitério oriental, tendo a acompanhá-lo uma regular concorrência, especialmente de antigos elementos do seu partido.

O corpo foi conduzido numa carreta da *Voz do Operário* e coberto com a bandeira do Centro Socialista de Lisboa.

Junto da campa usaram da palavra, enaltecendo as qualidades do finado e sentidamente lastimando o seu trágico desaparecimento da vida, os sr. António F. Pereira, que também, em nome da família, agradeceu a homenagem prestada pelos presentes; Mário Paula, pela Voz do Operário e seus empregados; José Fernandes Alves, que, com palavras repassadas de emoção e sentimento, afirmou perder o seu melhor amigo, que estava para ser seu genro, e Sousa Neves, em nome do Partido Socialista.

Fizeram-se representar a Sociedade de Educação Popular, Grupo Socialista Renascença, Juventude Socialista Central, Centro Socialista de Lisboa, A Social, dos operários chapeleiros, Liga Pró-Moral, Centro Socialista de Monte Pedral, Federação Municipal Socialista, Grémios Socialistas de Alfama, do Castelo e de S. Tiago, Sociedade A Voz do Operário, minoria socialista da Câmara Municipal de Lisboa, diversas secções da Companhia do Gaz e os jornais *A Voz do Operário*, *O Combate* e *A Batalha*.

Visita ao Alfeiete

O ministro da marinha visitou ontem as obras do novo arsenal do Alfeite.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—Reúne hoje, às 20,30 horas, a assemblea geral para resolução de assuntos urgentes.

Secção Mista de Belém—Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a comissão executiva desta secção.

Atropelado por uma bicicleta

Na enfermaria de Santo António, do hospital de S. José, deu ontem entrada Felix Grego, de 30 anos, pedreiro e residente na rua Particular, Letra L, que na rua do Amparo foi atropelado por uma bicicleta, ficando contuso no pé esquerdo.

Açúcar e carne congelada

A provincia de Moçambique está apta a fornecer estes géneros à metrópole

O Alto Comissário de Moçambique pede para ser informado se a metrópole ainda necessita da quantidade de açúcar há tempo requisitada, pois de contrário, decretará o seu comércio livre e propõe também fornecer carne congelada daquela provincia à metrópole na quantidade de 1500 toneladas por mês.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Manipuladores de tabaco

Quási na sua totalidade, o pessoal dos tabacos dirigiu-se anteontem aos escritórios da Companhia, a solicitar um aumento de salário provisório até que as novas câmaras legislativas resolvam o assunto em definitivo.

Uma comissão do pessoal feminino acompanhou os delegados que se avistaram com o presidente da direcção da Companhia, a quem entregaram uma representação e que prometeu atender rápidamente o pedido.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

A récita do secretário do Teatro Nacional, Macedo e Brito, realiza-se a 15 do corrente, com um sensacionalíssimo programa, reaparecendo nessa noite a insigne actriz Lucinda Simões.

—Hoje, no Avenida, em 2.ª récita de assinatura, sobe à scena a delicada comédia *Pipiola*, uma das mais interessantes dos irmãos Quintero.

Na *Pipiola* tem Palmira Bastos uma das suas mais brilhantes e delicadas criações.

—Hoje, no Gimnásio, realiza-se uma récita particular promovida pelos alunos da Escola Académica. Amanhã, numa das suas ultimas representações, vai à scena a sensacional peça *Adão e Eva*, que continua atraindo enorme concorrência.

A *premiere* da peça *D. Paco Manzanilla* sobe à scena nos primeiros dias da semana próxima, estando quási concluidos os seus ensaios, dirigidos por Araújo Pereira.

Reclames

No Nacional a concorrencia aos seus espectáculos não se tem resentido com a falta de eléctricos, o que se justifica com o êxito que continua obtendo a peça *Simone* que hoje se repete.

—Mantém-se com as mesmas medias de receita, a lindissima opereta *Amor de Apaches*, actualmente em scena no Politeama. Como coisa alguma é eterna, é claro que tem de ser substituida, o que já brevemente se anuncia com a *reprise* da *Miss Diabo* exibida com todos os requisitos para a valorizar.

—Está sendo o espectáculo predileto do público de Lisboa a sugestiva e animada revista *Paris s'amuse*, em scena no Coliseu. Maior sucesso terá as *Doll's Quartete*, admiráveis bailarinas, e a *Danse mondaine*, interessante trabalho de M.lle Lesseur e do grande artista Redson. O público mostra, de espectáculo para espectáculo, maior agrado pela revista, que é uma movimentada e interessante compilação de scenas graciosas, bailados magníficos, coros vistosos e números artísticos de subido valor. A música é lindissima e leve, e o guarda-roupa é de gôsto e luxo. De resto a própria peça é ligeira, salitante, retintamente parisiense.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21.—«Simone».
SÃO LUIS—A's 21—Festa artistica do baritono Armando Saraiva.—«A Leiteira de Entre Arroios» e vários trechos de ópera.
POLITEAMA — A's 21,15 — «Amor de Apaches».
GIMNASIO—A's 21,30—Récita promovida pelos alunos da Escola Académica.
AVENIDA—A's 21,30—«Pipiola».
APOLO—A's 21—«Pôrto, tantos de tal...»
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Troiaró», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—Grande companhia francesa de revista «Paris s'amuse».

Variedades e Animatógrafos.—Salões Olimpia, Chiado Terrasse, Central, Condes, Anjos, Promotora, Portugal, Cine-Paris, Ideal e Chantecler.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Mobiliário—*Comissão de Melhoramentos*.—Reüniu esta comissão conjuntamente com os manufactores de artigos de viagem.

Após acalorada discussão, foi resolvido que esta especialidade, que trabalhava até 15 horas por dia, fique trabalhando de òravante 8 horas, dando-se disto conhecimento aos respectivos industriais e iniciando esta comissão os seus trabalhos nesse sentido.

Litógrafos e Anexos.—Reüniu a comissão administrativa, dando desenvolvimento a vário expediente. Foi verberado o procedimento de vários camaradas pelo seu procedimento dentro da oficina em que trabalham, e que por êsse motivo foram convocados, não comparecendo.

Em vista de tal atitude, a comissão vai pôr cobro a essas irregularidades. Seguindo o movimento dos nossos camaradas tipógrafos, congratulamo-nos pela forma altiva e correcta como teem sabido portar-se de encontro ao patronato, fazendo nós os mais ardentes votos pelo triunfo a que teem direito.

Pessoal do Arsenal de Marinha—*Comissão Administrativa*.—Reüniu anteontem, tratando de diversos assuntos de carácter administrativo e deu despacho a diverso expediente, entre êle um ofício do Núcleo de Lisboa das Juventudes Sindicalistas.

CONVOCAÇÕES

Federação Mobiliária. — *Conselho federal*.—Para continuar na discussão de diversos trabalhos que ficaram pendentes da última sessão, reúne hoje, pelas 21 horas, devendo comparecer todos os delegados.

Sindicato Unico Mobiliario.—*Comissão administrativa*.—Para apreciar e resolver vários assuntos de transcendental importância, a que se encontra ligado o levantamento moral dêste organismo, convidam-se a reünir àmanhã, pelas 21 horas, todos os camaradas componentes dos corpos gerentes e militantes da indústria.

Comissão de melhoramentos.—Hoje reúne, às 20 horas, esta comissão, devendo comparecer todos os componentes, bem como os do bolsim de trabalho.

Federação Nacional da C. Civil.—*Conselho técnico*.—Reúne hoje, às 21 horas, a assemblea de delegados para aprovar o orçamento duma obra que deve começar por êstes dias. E' conveniente que ninguém falte.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Reúne hoje, em assemblea geral, para a continuação da discussão do relatório da comissão de inquérito aos actos do camarada Manuel dos Santos.

Esta assemblea é para tratar especialmente dêste caso.

Comissão escolar de Belém.—Reúne hoje, pelas 21 horas, com a comparência de todos os seus membros.

Construção Civil da Amadora e arredores.—Reúne hoje a assemblea geral para tratar de assuntos de grande urgência e interêsse para todos os camaradas. A esta assemblea assistem delegados da Federação, devendo também assistir todos os sócios e não sócios.

Cabouqueiros.—Reúne hoje, a assemblea geral, pelas 20 horas.

Horário de trabalho

Operários metalúrgicos

Hoje às 21 horas, na secção de Belém do Sindicato Unico Metalúrgico, rua Paulo da Gama, realiza-se uma sessão de propaganda pró-8 horas e contra o desrespeito à respectiva lei por parte dos industriais.

Sôbre o assunto, fará uso da palavra o camarada Joaquim da Silva, que exporá a forma de como os camaradas que fôrem despedidos por se recusarem a trabalhar as horas suplementares, poderão recorrer ao Tribunal dos Arbitros Avindores, reclamando as indemnizações a que teem direito por lei.

Por desrespeitar o horario

Numa obra da rua Marquês Sá da Bandeira estavam ontem alguns operários trabalhando depois das 18 horas. Por outros operários que ali passavam foi-lhes verberado o procedimento, porque atraiçoavam o horário, convidando-os a abandonar o trabalho. Como não fôssem atendidos, arremessaram-lhes algumas pedras, tendo aqueles largado o trabalho imediatamente.

Um fiscal do horário de trabalho, que se achava presente, procedeu contra o mestre da obra por desrespeito à lei.

Sucede que na mesma ocasião passava o polícia 1986, da 8.ª esquadra, que, sem mais nem menos, disparou um tiro, dizendo que aquele era para o ar mas os restantes seriam para os que não deixavam trabalhar, pois que a lei para nada servia, no que foi secundado por um outro guarda, o 1446, da 10.ª esquadra, que, de pistola em punho, afirmou que se tivesse vindo mais cedo trataria imediatamente *dêsses malandros*.

Alguns operários protestaram contra a atitude dos guardas, sendo por tal motivo presos Francisco Caramelo, Carlos dos Santos, Francisco Duarte e Gabriel Lopes.

Uma comissão do S. U. da Construção Civil, entrevistando o comissário de serviço no govêrno civil, conseguiu a libertação de dois dos presos, porquanto os restantes já haviam sido postos em liberdade.

Contra as prepotências da polícia

A assemblea geral do Centro Socialista "Avante" protestou contra os actos canibalescos cometidos por alguns guardas da esquadra do Alto do Pina, contra cidadãos indefezos, e deliberou chamar a atenção do chefe do distrito para os desmandos do guarda 591, que chegou já a praticar a indignidade de agredir um pobre demente.

Identificação dum cadáver

Pelo sr. Primo do Amaral Chaves, residente na rua Nova do Calhariz, n.º 3, foi ontem reconhecido e identificado, na morgue, aquele indivíduo que faleceu subitamente no posto de socorros do Hospital de Belém.

Chamava-se Joaquim de Sousa, de 18 anos, solteiro, caixeiro de praça da casa Spratly, com sede no Pôrto, natural de Vila Nova de Gaia e residia com seus pais na rua Viterbo de Campos, em Gaia.

A sua autópsia efectua-se hoje.

Desastre fatal

Quando ontem, na rua das Gelinheiras, seguia sôbre uma galera carregada de sacas de carvão, teve a infelicidade de cair o comerciante Lourenço Lago, de 50 anos, natural da Galiza, proprietário de várias carvoaria na cidade e morador na Rua de S. Julião, 74, 4.º, tendo-lhe passado uma das rodas sobre o peito, pelo que chegou já cadáver ao hospital de S. José, sendo removido para a morgue.

Grupo de Defesa e Propaganda dos Barbeiros

Afim de tratar da atitude do camarada presidente da União dos Empregados Barbeiros para com o Grupo Amigos do Bem, reúne hoje, extraordinariamente, às 21 horas, na sede.

Ultimas notícias

Horário de trabalho

Os caixeiros do Pôrto reúnem hoje para tratar das 8 horas

PORTO, 8.—O suplemento ao jornal *Luz e Vida*, afixado hoje, convoca os caixeiros para uma reünião pró 8 horas, que se efectua àmanhã à noite, secundando o movimento iniciado pela Junta Norte da Federação dos Empregados no Comércio.—*Junta Norte*.

Manifestações contra os alemães

Armazens saqueados

BERLIM, 8.—A 2 de Junho houve em Ostrowe, perto de Posen, manifestações contra os armazens alemães. Foram saqueados e os operários exigiram que se despedissem todos os operários alemães das fábricas.

Ameaçaram a população alemã com novos saques se não emigrasse imediatamente. Na noite seguinte pôde restabelecer-se militarmente a ordem.—*Rádio*.

Um apêlo às cidades cultas

Uma população à míngua de agua e de viveres

BERLIM, 8.—A cidade de Kattowitz lança um apêlo às cidades cultas do mundo, pedindo-lhes o seu auxílio, num momento em que a falta de viveres e até de água pode produzir o desespêro da população com as suas naturais conseqüências. —*Rádio*.

Os mineiros ingleses

O conflito continua sem solução

LONDRES, 8.— Ainda nada de definitivo ficou resolvido nas conferências havidas entre os proprietários das minas e os mineiros. As conferências foram adiadas para permitir a ambas as partes que separadamente estudem as propostas em questão.—*Rádio*.

O trabalho das "fôrças vivas" para especular

PARIS, 8.—A espèculação cambial tem sido tam intensa, diz o *Matin*, que as linhas telefónicas entre Paris e as principais capitais europeias teem estado num exercício constante desde as oito horas da manhã. Muitos bancos importantes teem contratado certos períodos de tempo por dia para comunicar com Londres, Bruxelas, Amsterdam, Génova e Moguncia, mas o pedido de tais ligações tem sido tam numeroso que a administração dos telefónes teve de recusar os pedidos últimos. A repartição dos telefones está cheia desde o tempo do almôço de empregados dos cambistas que aguardam a sua vez, sem que outras pessoas particulares possam sequer pensar em obter qualquer ligação.—*Rádio*.

Morte de uma famosa aviadora

WASHINGTON, 8. — Miss Bromwell, a famosa aviadora que, em 16 de Maio findo, conseguiu executar num aeroplano o «looping the oop» 199 vezes consecutivas, morreu em conseqüência de uma queda da altura duns 300 metros no terreno de Mincola. — *Rádio*.

NA INGLATERRA

Redução de salários

LONRES, 8.—As reduções de salários que se projectam, afectarão um milhão e meio de operários.—*Rádio*.

Os operarios algodoeiros

LONDRES, 8.—Os operários algodoeiros resolveram aceitar o convite do dr. Mancnamara, ministro do trabalho, para conferenciarem com êle àmanhã.—*Rádio*.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do hospital de S. José deu ontem entrada José Eugénio, de 54 anos, trabalhador, natural de Niza e residente em Corruche, que ali foi colhido pelo carro que guiava, fracturando o braço direito.

—Na enfermaria de S. Sebastião do mesmo hospital deu ontem entrada José Henriques, de 15 anos, filho de Silvério Henriques e de Maria Guilhermina, trabalhador, natural e residente em Vila Facaia, concelho de Pedrogam Grande, que numa propriedade, em Vila Franca de Xira, foi colhido por uma máquina de ceifar, ficando com o braço esquerdo esmagado.

Queda dum caminhão

Na enfermaria de S. Sebastião, do hospital de S. José, deu ontem entrada José Morgado, de 23 anos, ajudante de chauffeur e residente na rua do Calhariz, 17, 2.º Esq., à Ajuda, que no Rossio caiu de um caminhão, ficando contuso no corpo.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa de Produção e Consumo de Alcântara 2.ª Comuna—Reúnem hoje os seus corpos gerentes, pelas 21 horas, na sua sede rua da Cascalheira, 9.

Aos Ferroviários

da Companhia Portuguesa

Hipólito & Artur da Silva com alfaiataria na rua do Marechal Saldanha, 22 e 24, ao Calhariz, participam aos ex.mos empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecem.

Restaurant AVENIDA
Club Palais Royal
Almoços, jantares e ceias
Duas lindas salas de jantar.—Concertos tôdas as noites.—Um dos mais chics pontos de reunião de Lisboa
Avenida da liberdade, n.º 3, 1.º e 2.º andares

DOIS DIAS DE VENDA
DE
RETALHOS
NOS
GRANDES ARMAZENS
DO
CHIADO

Devido a ser feriado àmanhã, sexta-feira, 10 de Junho, resolvemos por êsse motivo fazer uma venda extraordinária de

Retalhos e Saldos

Hoje, quinta-feira e sábado
em tôdas as secções
TUDO VENDIDO
COM
GRANDES BAIXAS DE PREÇOS

RETALHOS de **Panos** crus. Metro, desde **550**
RETALHOS de **Panos** brancos. Metro, desde **750.**
RETALHOS de **Chitas** percalinas. Metro desde **500.**
RETALHOS de **Riscados.** Metro, desde **750.**
RETALHOS de **Cotins** felpudos. Metro, desde **1.350.**
RETALHOS de **Flanelas.** Metro, desde **800.**
RETALHOS de **Percaes** para forros. Metro, desde **700.**
RETALHOS de Americanas, tecido imitação a lã. Metro, desde **1.300**
RETALHOS de **Lãs** para vestidos.
RETALHOS de **Sedas** para blusas e guarnições.
RETALHOS de **Chevíotes** e **Casemiras.**
RETALHOS de **Casemiras** próprias para vestidos.

Tudo com medidas suficientes para tôda a espécie de vestuário.

RETALHOS de **Bordados.**
RETALHOS de **Galões** para vestidos.
RETALHOS de **Tules** para véus.
RETALHOS de **Rendas.**
RETALHOS de fitas de seda.
RETALHOS de **Gazes** para guarnecer.

Importantes Saldos
continuam à venda com
Enormes abatimentos!

A 6.500 **CHAPEUS** de palha, bons forros e fita de seda, para homem.
A 12.500 **CHAPEUS** de feltro, feitios da moda, para homem.
A 180! **PEUGAS** para criança.
A 450! **PEUGAS** para homem.

MEIAS DE SEDA
em preto e côres, para senhora a
8.500, 7.500 e 6.500!

A 100! **COLARINHOS** de diversas medidas para homem e rapazes.
A 1.200! **SUSPENSÓRIOS** muito resistentes para homem.
A 3.000! **SAPATOS** de cotim para senhora.
A 16.500! **BOTAS** de vitela branca para homem.

Aproveitem os nossos
SALDOS E RETALHOS
Visitem hoje as importantes secções
DOS
Grandes Armazens do Chiado

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Horário dos combóios

Rápidos de Medina

No mês de Junho corrente são postos em circulação os combóios rápidos entre Lisboa e Medina que se farão três vezes por semana nos dias e com as marchas abaixo indicadas.

O primeiro combóio no sentido Lisboa-Medina partirá de Lisboa-Rossio no dia 9 (5.ª feira). No sentido Medina-Lisboa o primeiro combóio circulará no percurso desta Companhia, de Pampilhosa a Lisboa-Rossio, no dia 11 (sábado).

Para utilisação destes combóios os passageiros deverão pagar, além do custo da passagem em 1.ª classe e do correspondente suplemento para a Companhia dos Wagons-Lits, a sobretaxa da velocidade prevista no Aviso ao Público A n.º 14. Combóio n.º 43. Lugares de luxo. Saída de Lisboa aos domingos, 3.as e 5.as feiras. Estações: Lisboa-Rossio. Partida, 20,00; Entroncamento, chegada, 22,01; partida, 22,06; Coimbra-B, chegada, 0,29; partida, 0,33; Pampilhosa, chegada, 0,50 partida, 0,55; Fuentes d'Oñoro, chegada, 6,45 partida, 7,10; Salamanca, chegada, 10,40; partida, 10,48; Medina, chegada, 12,35. Combóios n.º 44. Lugares de luxo. Chegada a Lisboa às 3.ª 5.ª feiras e sábados. Estações; Medina, partida, 17,05; Salamanca, chegada, 18,55; partida, 19,20; Vilar Formoso, hegada, 23,06; partida, 23,26; Pampilhosa, chegada, 4,20; partida, 4,28; Coimbra-B, chegada, 4,45 partida 4,48; Alfarelos, chegada, 5,11; partida, 5,16; Entroncamento, chegada, 7,14; partida, 7,26; Lisboa-Rossio, chegada, 9,50.

Estes combóios teem ligação em Medina com os combóios rápidos n.º 9 e 10 da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Espanha que, por sua vez, teem ligação com os combóios rápidos das linhas francesas entre Hendaya e Paris.

Para êstes combóios vendem-se bilhetes em Lisboa, na Agência da Companhia Internacional dos Wagons-Lits, para as estações de Medina, Valladolid, Burgos, San Sebastian, Bilbau, Pamplona, Hendaye, S. Jean de Luz, Biarritz-Ville, Bayonne, Bordeaux-S. Jean e Paris-Quai d'Orsay.

E' tambem facultada aos passageiros a utilisação destes combóios nas estações desta Companhia onde teem paragem, nas condições seguintes, quando haja lugares disponiveis:

a) no sentido ascendente: poderão ser tomados nas estações de Entroncamento, Coimbra-B, (bilhetes adquiridos em Coimbra) e Pampilhosa por passageiros munidos de bilhetes para as estações francesas acima indicadas, com ou sem bagagem, sendo feita em trânsito a cobrança dos suplementos dos «Wagons-Lits» e da sobretaxa de velocidade;

b) no sentido descendente: poderão ser utilisados na mesma estações e na de Alfarelos, por passageiros munidos de bilhetes de 1.ª classe para o restante trajecto sendo feita em trânsito a cobrança dos suplementos dos Wagons-Lits e da sobretaxa de velocidade.

Lisboa, 5 de Junho de 1921.

3. Aditamento à tarifa especial interna n.º 5. Grande velocidade

Ocupação de lugares de luxo nas carruagens da Companhia Internacional dos Wagons-Lits

Os preços dos «suplementos» a cobrar pela Companhia Internacional dos «Wagons Lits» por ocupação de lugares nas suas carruagens de luxo, circulando na rêde desta Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, são os seguintes:

No percurso **Lisboa R. a Valencia de Alcantara** ou vice-versa: Por cada passageiro, frs. 35,00. No percurso **Lisboa-R. a Pampilhosa** ou vice-versa: Por cada passageiro, frs. 55,20.

Além do preço de cada suplemento a companhia Internacional dos Wagons-Lits cobra por cada lugar marcado com antecedência na sua Agência em Lisboa a taxa especial de 5 francos.

O preço de cada «suplemento» não compreende o imposto de sêlo de recibo e, no que respeita às cobranças a efectuar em Portugal, será pago em francos ou em moeda portuguesa ao câmbio do dia, ficando isento da sobretaxa que onera as tarifas em vigôr nas linhas desta Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O presente anula e substitui o 2.º Aditamento à tarifa especial interna n.º 5 de grande velocidade desta Companhia publicado em 28 de Outubro de 1920. Lisboa, 3 de Junho de 1921. O Director Geral da Companhia. —*Ferreira de Mesquita*.

SAPATARIA
Marques Ferreira & C.ta
Calçado de luxo em todos os géneros pelos mais elegantes modêlos, executa-se com tôda a perfeição e solidês na Rua da Procissão, 141, tomando também conta de todos os consêrtos.

Mulher a dias, oferece-se para todo o serviço. Travessa das Amoreiras, a Arroios, n.º 19, 1.º, esq.

CASA OU PARTE
Precisa-se nas imediações de Alcântara. Resposta em carta. A. J. Carvalho. Travessa de Alcântara, 5, rc.